

## Homenagem a Itabira

Encarregou-me o digno presidente,  
Ricardo, De saudar-te, amigo Itabira,  
E, com limitações, cumpro a mister bem contente,  
Com o afeto que me permite chamar-te de Bira.

Este é pois um discurso lírico de amizade.  
Não me detenho tanto na elogiável carreira.  
Direi porém que, por quatro anos, na Civil Primeira,  
Testemunhei tua correção e produtividade.

Lembro nela certa afinidade de temperamento  
Nós com inclinação para a poesia  
E o jovem Stenio, sem estresse até nos momentos  
Em que respeitosamente se divergia.

Testemunhei e é fato digno de nota também,  
Além da lhaneza e atenção com teus pares,  
O excelente trato com os auxiliares.  
Direi convicto, pois: Todos te querem bem!

Acho que assim bem te defino a cordial filosofia:  
É de mão dupla o humano caminho.  
Se queres carinho, oferece carinho.  
Não o terás se fores rude, todavia.

Ademais, a aposentadoria há que ser vista como promoção.  
Atinges o ápice, pelo tempo pretérito,  
Antiguidade se confunde com o mérito.  
És emérito, e ninguém pode tomar-te essa distinção.

Sim. Fui buscar no dicionário a tradução:  
Os que atingem o ócio com dignidade  
Vivas, pois, aos que têm a oportunidade  
De receber, voluntário ou compulsório, esse galardão.

Mas também é momento de despedida  
Da função que soubeste honrar,  
Não iremos, com a mesma frequência, te encontrar  
Neste judicante palco da vida.

Sim. Bom amigo e colega a quem se admira,  
Que, jovial, atinges dos eméritos a idade,  
Que fazes, companheiro da lira,  
Não vês que deixarás saudade?

Responderás, cogito, ao modo brando,

Evidência dos de bom coração:  
Josué, Agenor, vão me levando.  
Não vou. Não há outra opção.

Mas vou, Itamar, sereno como íamos,  
Pelas ruas primaveris de Frankfurt,  
Para verificar se conseguíamos  
Um violão, com que a vida melhor se curte.

Sigo como quem não se importa  
Se a loja, ao invés de violão, é de piano.  
O importante é sempre bater à porta  
Dos sons que afastam desenganos.

Vou, como em agradável passeio,  
De conversível, pela germânica cidade,  
Ou de barco, cantando hinos à felicidade,  
No convés, a preocupações alheio.

Sigo leve. Como quem vai na esquina,  
Adalberto, Antenor, Mauro, comprar cigarros  
Ou quem vai, Marcio, Romero, Augusto, Alves, Sertório, de carro, Final de semana, para um  
bar no Pina.

Afinal, Nonato, Erik, Evandro, terei mais tempo para a voz,  
Com que, Cândido, Moraes, Bartô, males espanto  
E assim, Jorge, Neves, exercitando o canto,  
Comover e colher justos aplausos após.

Terei, Daisy, Severino, Ivo, mais tempo para os amigos  
Encontrar em Boa Viagem, Muro Alto ou Gravatá  
E, Alberto, Assunção, Pimentel, Rosa, Guimarães, para momentos comigo, Inspirando-me, para  
músicas que no peito há.

Terei, Jean, Norberto, Martins, Lula Leão, mais tempo para entoar a canção Que, Demócrito,  
compus para meu saudoso pai  
E derramar assim a lágrima que sempre cai  
De intenso afeto e de dor de privação.

Vou, Waldemir, Humberto, mais estar com Wendell  
E com Jacaré e Paulo Varejão,  
Celebrando a amizade que não se rende  
E que classifico como a de irmãos.

Terei mais tempo para o familiar ninho,  
Para o abraço de meus filhos e de Aline,  
Para conversar com Chiquinho,  
E assim o melhor caminho lhe ensine.

Despeço-me, Fábio, Sílvio, Isaías, neste amado Tribunal,  
Das funções da magistratura. Não, Eudes, Fausto, Luciano, da amizade que perdura Por todos  
da Casa, do presidente, ao serviçal.

A partida, Viana, Honório, Valéria, não me limita  
Voltarei, Patu, Gabriel, Guilliod, trazido pelo braço da saudade, Como, Bandeira, quem Alceu  
Valença imita,  
Para as celebrações da fraternidade.

Despeço-me, Evio, do gabinete de trabalho E, Gustavo, dos funcionários exemplares, Cumpri  
minhas metas, sei que valho O apreço e respeito dos meus pares.

Josué Sena